



SAMICO

curadoria **Ivo Mesquita**



Rosto | face, 1959
Xilogravura | woodcut ed P.A.
30 x 21 cm | 11.81 x 8.26 in

Samico

curadoria **Ivo Mesquita**

abertura **28 maio 19h**

exposição **29 maio a 13 julho**



Figura e folhas | *Figures and leaves*, 1959

Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.

37 x 48 cm | 14.56 x 18.89 in

Samico

Vilma Eid

O querido Samico se foi logo depois da exposição que fizemos com suas obras, que contou com a presença dele e da doce e firme Celida, sua companheira da vida inteira. Deixou muita saudade, mas, através do seu trabalho, é imortal.

Suas xilogravuras, um dos trabalhos mais importantes da arte brasileira, transbordam de detalhes, cores e histórias. Ele usava abundantemente a mitologia, na hora da criação, enriquecendo ainda mais a obra.

Pernambucano, escolheu Olinda para se fixar depois de passagens pelo Rio de Janeiro e pela Europa, e viveu sempre no mesmo casarão do século XVII, reformado e preservado por ele e Celida. Os visitantes eram bem-vindos. Na sala de visitas do casarão, sentado na cadeira de balanço, Samico apreciava uma boa prosa. Sua vida era simples, dedicada à família e ao trabalho. O ateliê era em casa, de forma que ele pouco saía. Era um homem que gostava da rotina.

Em 2012 mostramos os trabalhos que cobriam o período de 1992 a 2011. Nesta mostra, curada por Ivo Mesquita, temos o privilégio de exibir gravuras que abrangem um período mais longo, que vem desde os anos 40. São na maioria P.A.s ou pequenas tiragens, como era seu hábito até 1999, quando passou a fazer edições de 120. As mais antigas têm uma bela história. Pertenciam a um velho amigo no Rio de Janeiro. A cada impressão, Samico tirava uma para si e outra para ele. Por um acaso feliz, elas chegaram às nossas mãos.

Aproveitem! Não é todo dia que temos essa oportunidade.



Leitura na praça | *Reading at the square*, 1958
Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.
28 x 31 cm | 11.02 x 12.20 in

Samico, quase retrospectiva

Ivo Mesquita

Gilvan Samico (1928-2013) está entre os artistas mais importantes do século XX no Brasil e suas xilogravuras estão entre as mais originais e representativas dessa arte tão determinante para formação e difusão de uma visualidade moderna no país. Seu nome hoje alinha-se aos de Lasar Segall (1889-1957), Oswaldo Goeldi (1895-1961) e Lívio Abramo (1903-1993), fundadores e mestres da gravura brasileira no século XX, juntamente com outros grandes de sua geração, como Fayga Ostrower (1920-2001), Marcelo Grassmann (1925-2013), Arthur Luiz Piza (1928-2017) e Evandro Carlos Jardim (1935), que consolidaram essa prática artística como uma potente estratégia poética e social.

Ligado ao Atelier Coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife (1952), iniciativa semelhante ao Clube de Gravura de Porto Alegre (1950) e inspirada pelo programa do Taller de Gráfica Popular do México (1937), Samico estuda com Lívio Abramo em São Paulo, para onde se transfere em 1957, e depois, no Rio de Janeiro, em 1958, com Oswaldo Goeldi. Na década de 1960 retorna a Pernambuco e fixa-se em Olinda, cidade em que viveu e trabalhou até sua morte, exceto pelos anos 1968-70, quando residiu em Paris com o Prêmio de Viagem ao Exterior do 17º Salão Nacional de Arte Moderna (1967). Nos anos 1970, Ariano Suassuna, criador do Movimento Armorial, que tem como objetivo valorizar a cultura do Nordeste, buscando uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares da cultura do país, aponta Samico como um artista

exemplar da poética desse movimento, sua maior e mais completa realização. “Mergulhando no universo do Romancieiro e reencontrando-se com as raízes de seu sangue, Samico pode regressar com seus Santos, seus Profetas, seus pássaros de fogo, seus dragões, suas serpentes, seus bois encantados e seus cavalos misteriosos, em gravuras que nos dão o aspecto de soberana simplicidade, de um virtuosismo técnico realmente impressionante.”¹

Esta exposição, quase uma pequena retrospectiva do artista, reúne três grupos de gravuras representativos dos desdobramentos no processo do trabalho, na construção da sua obra impressa, já que Samico foi também desenhista e pintor. No primeiro deles, produzido entre 1958 e 1959, percebem-se, naturalmente, referências a obras de seus professores, sejam do ponto de vista temático, formal ou ideológico: *Sem título*, *Menina com corrupios*, *Leitura na praça* (todas de 1958), *Três mulheres e a lua* (1959) são alguns exemplos. Porém, ao mesmo tempo, elas enunciam o pensamento abstrato que articula suas composições, jogando com linhas e formas figurativas no espaço, aliado ao gosto por texturas elaboradas na exploração da madeira, como podemos ver em *Interior com menino* e *Interior com casal* (ambas de 1958), ou em *Figura e edifícios*, *Figura e folhas* (de 1959).

No segundo conjunto, parte da sua profícua produção gráfica na década de 1960, pode-se ver o encontro do artista com as tradições populares da gravura de cordel e com o imaginário telúrico e fantástico das histórias e lendas dessa mesma literatura. Em oposição ao preto e branco tramado e denso do período anterior, o branco ganha força expressiva, enfatizando o caráter planar da imagem, com o uso sóbrio e pontual de cores vibrantes na delimitação de espaços e definição de planos – uma das marcas de sua obra, uma memória de Goeldi. Os gestos no talho da madeira abandonam certo expressionismo de raiz na xilogravura moderna, e tornam-se mais profundos, diretos,

econômicos, sem vestígios na imagem final, chapada. A figuração, agora encerrada em um contorno, um quadro, é simplificada em favor da maior eficiência da imagem e da objetividade da representação, sempre uma cena vista frontalmente, sem perspectiva ou lembrança de qualquer espaço naturalista. Essas gravuras remetem às narrativas do cordel, como *João e Maria e o pássaro azul* (1960), *Juvenal e o dragão* (1962), *Alexandrino e o pássaro de fogo* (1962), *As três irmãs camponesas e o guerreiro do ar* (1963), *A traição* (1964); ou a textos bíblicos e religiosos, como *A Virgem da Palma* (1961), *A queda do anjo* (1965), *Francisco e o lobo de Mântua* (1969), entre tantos outros.

Esses trabalhos consolidam sua linguagem plástica, seu estilo direto e enxuto, e seu compromisso com a cultura vernacular, aliada à grande tradição da arte ocidental, representada pela abordagem de temas bíblicos e mitos clássicos da história. É a produção desse período que faz dele um artista de projeção nacional com o prêmio do Salão Nacional de Arte Moderna, em 1967, assim como lhe assegurou uma carreira internacional com participações nas Bienais de São Paulo (1961, 1963 e 2016, com artista convidado), de Paris (1961 e 1963), de Tóquio (1966) e por duas vezes no Pavilhão do Brasil na Bienal de Veneza (1963 e 1990), além de exposições e obras em museus como o Nacional de Belas Artes e o de Arte Moderna, no Rio de Janeiro; o de Arte Contemporânea da USP, o de Arte Moderna e a Pinacoteca do Estado, em São Paulo; o de Arte Moderna Aloísio Magalhães, no Recife; e o de Arte Moderna-MoMA, de Nova York.

O terceiro grupo de trabalhos, ou a última etapa de sua produção, segundo consenso entre seus críticos e admiradores, tem início com a gravura *Suzana no banho*, de 1966.² Trata-se de um tema clássico da pintura, uma prédica moral, trabalhado por diferentes artistas desde o final do Renascimento, convertendo-se numa espécie de metáfora da própria arte: a casta Suzana – a personificação da beleza a ser alcançada, possuída – é libidinosamente observada por dois velhos rabinos – o tempo, o mascu-



Sem título | Untitled, 1958
Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.
25 x 35 cm | 9.84 x 13.77 in



Interior com menino | Indoors with a boy, 1958
Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.
25 x 24 cm | 9.84 x 9.44 in

Homem e cavalo | *Man and horse*, 1958
Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.
36 x 48 cm | 14.17 x 18.89 in



Três mulheres e a lua | *Three women and the moon*, 1959
Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.
37 x 47 cm | 14.56 x 18.50 in



lino – enquanto toma banho. O assédio visual sobre ela – objeto de contemplação e idealização – aponta para o princípio da arte como manifestação do desejo. A pulsão escópica, na busca da beleza, realiza-se no prazer de olhar.

Samico parece ter escolhido essa parábola moral e poética para afirmar os fundamentos do seu compromisso com a arte e da sua prática da gravura desde então, adotando método e procedimentos que põem em movimento uma depuração do trabalho, com composições articuladas a partir da divisão geométrica do espaço, demarcação de campos simétricos, a estruturação hierática da imagem entre séries de figuras, animais, elementos de paisagens, frutas, vegetação, motivos decorativos. A sua busca por ascetismo e exatidão como programa para aprofundar o processo de pensamento, trabalho, conhecimento, impõe limites à forma como que reduzindo ou restringindo a ação do artista. A partir de 1977, Samico adota um tamanho padrão de matriz, o taco a ser gravado, e passa a produzir apenas uma gravura por ano. Mas cada uma delas é objeto de dezenas de desenhos preparatórios, centenas de estudos de detalhes, nos quais “o artista se vê tragado pelo infinitamente mínimo”,³ num árduo percurso para chegar ao projeto final que orienta o trabalho artesanal do entalhador.

Então, as placas surgem de um gesto disciplinado, preciso a cavar a madeira, como um mantra repetido por um longo tempo silencioso e solitário, algo calvinista: extensas linhas paralelas, tramados regulares e seriados, figurações elaboradas, mas despidas de qualquer retórica. Como observa Ronaldo Correia de Brito, Samico é um mestre “na arrumação cuidadosa de espaços discretos”.⁴ O espelhamento das imagens e certa vibração ótica das linhas e padrões, por vezes, conferem um caráter cinemático à gravura, como um registro quadro a quadro do fazer do trabalho. Mas, a despeito desta “dinâmica” interna da imagem ou de qualquer sugestão de narrativa nos títulos, toda essa produção afirma-se como algo emblemático, próximo de um ícone religioso, com

a entrega direta e total do seu sentido, com nada para além da sua presença singular e materialidade multiplicada, para sempre “uma obra que incendeia minha imaginação”.⁵

Notas

1 SUASSUNA, Ariano, “Samico e eu”, in BARROS LEAL, Weydson, *Samico*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2011, p. 10.

2 O Museu de Arte Moderna-MoMA de Nova York, possui uma cópia dessa gravura, juntamente com outras de Samico, e ela está reproduzida no catálogo da exposição *Bloc Prints*, organizada por Riva Castleman para aquele museu em 1983.

3 CORREIA DE BRITO, Ronaldo, *Samico: do desenho à gravura* (catálogo). São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2004, p. 11.

4 Idem, *ibidem*, p. 10.

5 SUASSUNA, Ariano, *op. cit.*, p. 9.



Ciclistas | *Bikers*, 1959

Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.

25 x 48 cm | 9.84 x 18.89 in



Figura e edificios | *Figure and buildings*, 1959

Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.

30 x 28 cm | 11.81 x 11.02 in



Menina dos corrupios | Pin wheels' girl, 1958
Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.
30 x 29 cm | 11.81 x 11.41 in



Sem título | Untitled, 1958
Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.
25 x 25 cm | 9.84 x 9.84 in



Interior com casal | Indoors with a couple, 1958
Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.
21 x 31 cm | 8.26 x 12.20 in



O urubu de Pedro | *Pedro's vulture*, 1963
Xilografura | Woodcut ed. 1/20
49 x 60 cm | 19.29 x 23.62 in



Alexandrino e o pássaro de fogo | *Alexandrino and the firebird*, 1962
Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.
50 x 62 cm | 19.68 x 24.40 in



As três irmãs camponesas e o guerreiro do ar | *The three peasant sisters and the air warrior*, 1963
Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.
50 x 61 cm | 19.68 x 24.01 in



O galo de ouro | *The golden rooster*, 1965
Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.
49 x 61 cm | 19.29 x 24.01 in



Virgem da palma | *The virgin of palm*, 1961
Xilogravura | Woodcut ed. 3/15
53 x 47 cm | 20.86 x 18.50 in



Francisco e o lobo de Mântua | *Francisco and the wolf of Mantua*, 1969
Xilogravura | Woodcut ed. 3/15
53 x 35 cm | 20.86 x 13.77 in



Suzana no banho | *Suzana in the bath*, 1966

Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.

61 x 45 cm | 24.01 x 17.71 in



A queda do anjo | *Angel falling*, 1965
Xilogravura | Woodcut ed. 44/110
34 x 27 cm | 13.38 x 10.62 in



O segredo do lago | *The secret of the lake*, 1983
 Xilogravura | Woodcut ed. 59/100
 61 x 95 cm | 24.01 x 37.40 in



O rapto do sol | *The abduction of the sun*, 1984
 Xilogravura | woodcut ed. 54/120
 61 x 95 cm | 24.01 x 37.40 in



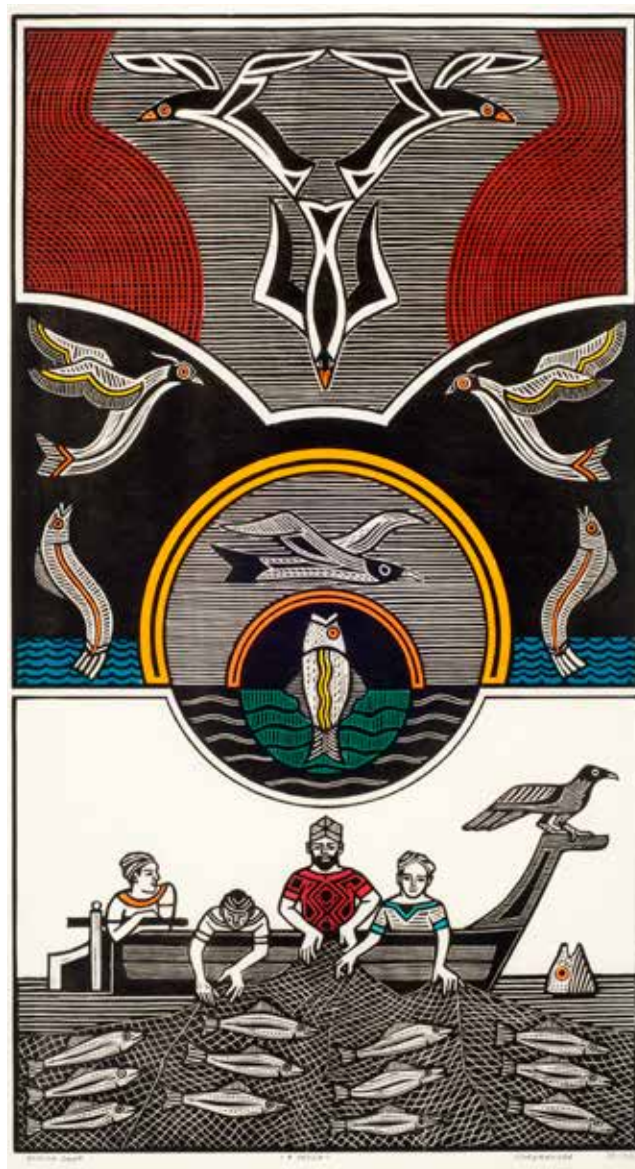
O devorador de estrelas | The star devourer, 1999

Xilogravura | Woodcut ed. 58/120

98 x 60 cm | 38.58 x 23.62 in



Criação - o sol, a lua, as estrelas | *The creation of the sun, the moon and the stars*
Xilogravura | Woodcut ed. 37/120
92,5 x 53 cm | 36.41 x 20.86 in



A pesca | *Fishing*, 2007
 Xilogravura | woodcut ed. 55/120
 93,5 x 52 cm | 36.61 x 20.47 in

My dear Samico passed away shortly after the exhibition we held with his works, which was attended by him and the sweet and strong Celida, his life-long companion. He is very much missed but through his work he is immortal.

His woodcuts, one of the most important works of Brazilian art, overflow with details, colors and stories. He used abundant mythology when creating, enriching the work even more.

Born in Pernambuco, he chose Olinda to settle after having lived in Rio de Janeiro and Europe. He lived in the same seventeenth century house, which had been renovated and preserved by him and Celida. Visitors were welcome. In the living room of the large home, sitting in the rocking chair, Samico enjoyed good chatting. His life was simple, dedicated to family and work. The studio was at home so he rarely went out. He was a man who liked routine.

In 2012 we showed the works that covered the period from 1992 to 2011.

In this show curated by Ivo Mesquita, we have the privilege of displaying woodcuts that cover a longer period dating back to the 40s. They are mostly artist's proofs or short editions, as he did until 1999, when he began to print larger editions of 120. The earliest ones have a beautiful story, they belonged to an old friend in Rio de Janeiro. With each print, Samico would take one edition for himself and one for his friend. By a happy chance, they got into our hands. Enjoy! It is not every day that we have that opportunity.

Samico, quasi retrospective

Ivo Mesquita

Gilvan Samico (1928-2013) is one of the most important artists of the 20th century in Brazil. His woodcuts are among the most original and representative of this art so decisive for the formation and diffusion of a modern visuality in the country. Today his name is aligned with those of Lasar Segall (1889-1957), Oswaldo Goeldi (1895-1961) and Lívio Abramo (1903-1993), founders and masters of Brazilian engraving in the 20th century, along with other greats of his generation such as Fayga Ostrower (1920-2001), Marcelo Grassmann (1925-2013), Arthur Luiz Piza (1928-2017) and Evandro Carlos Jardim (1935), who consolidated this artistic practice as a powerful poetic and social strategy.

Connected to the Atelier Coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife – Collective Workshop of the Modern Art Society of Recife (1952), a similar initiative to the Porto Alegre Printing Club (1950) and inspired by the program of the Taller Popular Graphic Workshop of Mexico (1937), Samico studies with Lívio Abramo in São Paulo, to where he is transferred in 1957, and later in Rio de Janeiro in 1958, with Oswaldo Goeldi. He returns to Pernambuco in the 1960s and settles in Olinda, where he lived and worked until his death. During the years 1968-70 he resided in Paris with the Foreign Travel Prize of the 17th National Salon of Modern Art (1967). In the 1970s Ariano Suassuna, the creator of the Armorial Movement, whose objective is to valorize the culture of the Northeast, seeking a Brazilian art from the popular roots of the country's culture, points Samico as an exemplary artist of the poetics of this movement, his most complete accomplishment. "Plunging into the universe of the *Romanceiro* and rediscovering himself with the roots of his blood, Samico can return with his Saints, his Prophets, his fiery birds, his dragons, his serpents, his enchanted oxen and his mysterious horses, in engravings that give us the appearance of a sovereign simplicity, of a really impressive technical virtuosity."¹

This exhibition, almost a small retrospective of the artist, brings together three groups of engravings representative of the unfolding of the work process in the construction of his printed work, being Samico a drawer and a painter. In the first group, produced between 1958 and 1959, references are naturally made to his teachers' works, whether from the thematic, formal or ideological point of view: *Untitled*, *Pin wheel's girl*, *Reading in the square* (all from 1958), *Three women and the moon* (1959) are some examples. At the same time, however, they enunciate the abstract thinking that articulates his compositions, playing with figurative lines and forms in space, together with the taste for textures elaborated in the exploration of wood as we can see in *Interior with boy* and *Interior with couple* (both from 1958), or in *Figure and buildings*, *Figure and leaves* (from 1959).

In the second group, part of his prolific graphic production in the 1960s, one can see the artist's encounter with the popular traditions of cordel engraving and with the telluric and fantastic imagery of the stories and legends of the same literature. As opposed to the dense black and white of the previous period, white gains expressive force, emphasizing the planar character of the image with the sober and punctual use of vibrant colors in the delimitation of spaces and the definition of plans – one of the marks of his work, a memory of Goeldi. The gestures in the carving of the wood abandon a certain authentic expressionism in the modern woodcut, and they become deeper, direct, economic, without vestiges in the final plated image. Figuration, now enclosed in a contour, a picture, is simplified in favor of greater image efficiency and objectivity of representation, always a frontal view, without perspective or reminder of any naturalistic space. These engravings refer to the narratives of cordel literature as *Hansel and Gretel and the blue bird* (1960), *Juvenal and the dragon* (1962), *Alexandrine and the bird of fire* (1962), *The three peasant sisters and the warrior of the air* (1963), *The betrayal* (1964); or to biblical and religious texts such as *The Virgin of the Palm* (1961), *The fall of the angel* (1965), *Francisco and the wolf of Mantua* (1969), among many others.

These works consolidate his artistic language, his direct and lean style, and his commitment to the vernacular culture, allied to the great tradition of Western art represented by the approach of biblical themes and classic myths of history. It was the production of this period that made him an artist of national projection with the prize of the National Salon of Modern Art in 1967, as well as assured him an international career with participations in São Paulo Biennials (1961, 1963 and 2016, as guest artist), Paris Biennials (1961 and 1963), Tokyo Biennial (1966) and twice at the Brazil Pavilion at the Venice Biennale (1963 and 1990), as well as exhibitions and works at museums such as the National Fine Arts and the Modern Art in Rio de Janeiro; the Contemporary Art Museum of the University of São Paulo, the Modern Art Museum and the Pinacoteca do Estado in São Paulo; the Aloísio Magalhães Modern Art, in Recife; and MoMA in New York.

The third group of works, or the last stage of its production according to a consensus among his critics and admirers, begins with the 1966 *Suzana in the bath*.² This is a classic theme of painting, a moral preaching worked by different artists since the end of the Renaissance, becoming a kind of metaphor of art itself: the chaste Suzana – the personification of the beauty to be achieved, possessed – is libidinally observed by two old rabbis – the time, the masculine – while bathing. The visual harassment about her – an object of contemplation and idealization – points to the principle of art as the manifestation of desire. The scopophilic drive in the pursuit of beauty takes place in the pleasure of looking.

Samico seems to have chosen this moral and poetic parable to affirm the fundamentals of his commitment to art and his practice of engraving ever since, adopting methods and procedures that set in motion a work debugging with compositions articulated from the geometric division of the space, demarcation of symmetrical fields, the hieratic structuring of the image between series of figures, animals, elements of landscapes, fruits, vegetation, decorative motifs. His quest for asceticism and accuracy as a program to

deepen the process of thought, work, knowledge imposes limits on how to reduce or restrict the artist's action. From 1977, Samico adopts a standard size of matrix, the cue to be engraved, and starts to produce only one engraving per year. But each of them is the object of dozens of preparatory drawings, hundreds of studies of details, in which "the artist is swallowed by the infinitely minimal,"³ in an arduous journey to arrive at the final project that guides the craftsman's work of the carver.

Then the plates emerge from a disciplined precise gesture, carving the wood like a mantra repeated for a long silent and solitary time, something Calvinistic: extensive parallel lines, regular and serial screenings, elaborate figurations but stripped of any rhetoric. As Ronaldo Correia de Brito observes, Samico is a master "in the careful arrangement of discrete spaces".⁴ The mirroring of images and certain optical vibration of lines and patterns sometimes give a kinematic character to the picture, as a frame-by-frame record of the work. But in spite of this internal "dynamics" of the image or any suggestion of narrative in the titles, all this production affirms itself as something emblematic, next to a religious icon, with the direct and total delivery of its meaning, with nothing else of his singular presence and multiplied materiality, forever "a work that sets my imagination on fire".⁵

Notes

1 SUASSUNA, Ariano, "Samico e eu", in BARROS LEAL, Weydson, *Samico*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2011, p. 10.

2 The Museum of Modern Art-MoMA, New York, has a copy of this print, along with others from Samico, and it is reproduced in the catalog of the *Bloc Prints* exhibition, organized by Riva Castleman for that museum in 1983.

3 CORREIA DE BRITO, Ronaldo, *Samico: do desenho à gravura* (catálogo). São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2004, p. 11.

4 Idem, ibidem, p. 10.

5 SUASSUNA, Ariano, op. cit., p. 9.

Samico

Quase retrospectiva 2019

Galeria Estação

Diretores

Vilma Eid

Roberto Eid Philipp

Curadoria

Ivo Mesquita

Textos

Ivo Mesquita

Vilma Eid

Produção e desenho gráfico

Germana Monte-Mór

Secretaria de produção

Giselli Mendonça Gumiero

Rodrigo Casagrande

fotos

João Liberato

Revisão de texto

Otacílio Nunes

Versão para o inglês

Fernanda Mazzuco

Montagem

MIA - Montagem de instalações artísticas

Iluminação e apoio de produção

Marcos Vinícius dos Santos

Kleber José Azevedo

Assessoria de imprensa **Pool de Comunicação**

Impressão e acabamento **Lis Gráfica**

Capa | cover

João, Maria e o pavão azul | *João, Maria and the blue peacock*, 1960

Xilogravura | Woodcut ed. 6/15

33 x 36 cm | 12.99 x 14.17 in

Juvenal e o dragão | *Juvenal and the dragon*, 1962

Xilogravura P.A. | Woodcut A.P.

53 x 60 cm | 20.86 x 23.62 in

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Samico / curadoria Ivo Mesquita ; [versão para o inglês
Fernanda Mazzuco]. -- São Paulo : Galeria
Estação, 2019.

Edição bilingue: português/inglês.
"Abertura 28 maio 19h / Exposição 29 maio a 13
julho"

1. Samico, Gilvan, 1928-2013 - Exposições
2. Xilogravura - Século 20 I. Mesquita, Ivo.

19-26004

CDD-769.981

Índices para catálogo sistemático:
1. Xilogravuras : Artes plásticas : Exposições :
Catálogos 769.981
Cibebe Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

GALERIA  **ESTAÇÃO**
rua Ferreira de Araújo 625 Pinheiros SP 05428001
fone 11 3813 7253 galeriaestacao.com.br



*A mulher com espelho |
the woman looking in the mirror, 1959*
Xilogravura | woodcut ed P.A.
31 x 21 cm | 12.20 x 8.26 in



Mulher e pássaro | woman and bird, 1958
Xilogravura | woodcut ed P.A.
32 x 20 cm | 12.59 x 7.87 in



Mulher e cabra | woman and goat, 1958
Xilogravura | woodcut ed P.A.
43 x 25 cm | 16.92 x 9.84 in

